

# O corpo-tela e o corpo-poema de Nívea Sabino como território em reexistência

## El cuerpo-pantalla y el cuerpo-poema de Nívea Sabino como territorio en reexistencia

Mikaela Gabriele Elias da Costa  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
mikaela.elias@aluna.ufop.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-0008-9864>

Rodrigo Corrêa Martins Machado  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
rodrigo.machado@ufop.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0001-7269-1996>

**RESUMO:** Este artigo analisa a poética de Nívea Sabino a partir da noção de escrita que se faz com o corpo, enfatizando sua produção literária periférica e a relação entre palavra falada, palavra escrita e corpo, entendido como fio condutor da expressão poética. Para tanto, mobilizam-se conceitos de performance, letramento de reexistência e literatura periférica, com base nos pensamentos de Leda Maria Martins, Érica Peçanha do Nascimento e Ana Lúcia Silva Souza. Conclui-se que a poeta elabora sua existência como matéria de sua escrita, transformando o corpo em fundamento de sua episteme. O trabalho deriva da dissertação *Escrita que se faz com o corpo: a produção literária periférica de Nívea Sabino*, defendida em 2024, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura periférica; Performance; Letramento de reexistência; Nívea Sabino.

**RESUMEN:** Este artículo analiza la poética de Nívea Sabino a partir de la noción de escritura que se hace con el cuerpo, enfatizando su producción literaria periférica y la relación entre palabra hablada, palabra escrita y cuerpo, entendido como hilo conductor de la expresión poética. Para ello, se movilizan conceptos de performance, letramento de reexistencia y literatura periférica, con base en los planteamientos de Leda Maria Martins, Érica Peçanha do Nascimento y Ana Lúcia Silva Souza. Se concluye que la poeta elabora su existencia como materia de su escritura, transformando el cuerpo en fundamento de su episteme. El trabajo deriva de la disertación *Escritura que se hace con el cuerpo: la producción literaria periférica de Nívea Sabino*, defendida en 2024 en el Programa de Posgrado en Letras de la Universidad Federal de Ouro Preto.

**PALABRAS-CLAVE:** Literatura periférica; Performance; Letramento de reexistencia; Nívea Sabino.

## Introdução<sup>1</sup>



Fonte: Roda BH de Poesia: Nívea Sabino.<sup>2</sup>

O poema “Sobre o solo fértil da igualdade”, de Nívea Sabino, convida a ver antes mesmo de escutar. A imagem de sua performance na Roda BH de Poesia (Teatro Espanca, Belo Horizonte) exemplifica o que denominamos corpo-tela: o corpo em movimento como suporte e expansão do texto poético, “faz-se também como imagem mental, aliando a aparência do ser às suas vibrações, portanto, postulando pensamentos” (Martins, 2021, p. 78). Fundada em 2017, com primeiro encontro no dia 17 de março, a Roda BH reuniu em sua primeira edição poetas como Norma de Souza, Kainná Tawá, Karina Marçal, Marcela Melo, Nívea Sabino, Ricardo Aleixo, Rogério Coelho, Douglas Din, Renato Negrão e Pedro Bomba, num espaço de valorização da oralidade poética.

No registro performático analisado, o gesto de tocar o próprio braço enquanto declama versos como “que segregar prefere / por questão de tom / de cor / de pele” evidencia a fusão entre palavra e gesto, convocando o público a sentir “na cara a negligência, a indiferença, a violência”. A obra de Nívea, assim, coloca o corpo e o

<sup>1</sup> Este artigo apresenta uma síntese dos resultados obtidos na dissertação intitulada *Escrita que se faz com o corpo: a produção literária periférica de Nívea Sabino*, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>2</sup> Ver mais em: RODABHDEPOESIA, Nívea Sabino. Teatro Espanca, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-L2QSNd0j7s> (0:33 min). Acessado em: 04 set. 2022.

corpo em movimento no centro de sua poética, como assinala Leda Maria Martins (2021). Trata-se de uma experiência de encantamento, no sentido proposto por Adilbênia Freire Machado (2014), como potência epistemológica que funda outro modo de produção de conhecimento:

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer implicado, posto que pensar desde o corpo é produzir conhecimento usando todos os sentidos (Machado, 2014, p. 59).

Segundo a autora, o encantamento funciona como força motriz de sujeitos atravessados por outras epistemologias, isto é, que fazem do corpo um lugar de produção de conhecimento. Desse modo, dele emergem o corpo-tela e o corpo-poema de Nívea. É importante sublinhar essa chave, pois, no contexto periférico, a linguagem assume significações múltiplas e se marca por uma performance cultural e corporal frequentemente invisibilizada pelo racismo. Quando a poeta produz literatura, seu corpo fala; sua obra “coloca o corpo, e o corpo em movimento, num lugar central” (Garramuño, 2012, p. 71).

A performance de “Sobre o solo fértil da igualdade” explicita essa centralidade. A poeta inicia cantando “ainda que persiste o olhar que a mim difere”, num canto-imagem. Enquanto entoa, dá tapas no próprio corpo e prossegue: “que profundo fere”, variando o timbre para “que segregar prefere, por questão de tom, de cor”. Ao proferir “cor”, enfatiza a palavra, convocando a reflexão do público; faz uma pausa, golpeia de leve o braço e segue com “de pele”, até o fim do poema. O volume da voz, as pausas e a cadência funcionam como táticas de performance que dão corpo ao poema. Como observa Leda Maria Martins (2021, p. 77), “o convite a ver é precedido pelo convite a escutar, pois também nos revelam a formação e o registro de imagens”. Nessa perspectiva, a escuta da plateia é mediada por um ver que antecede e excede a palavra, permitindo vivenciar o poema para além do texto dito.

## Corpo-tela: território em reexistência

Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora ta queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída” ... (Gonzalez, 1984, p. 223)

O conceito de corpo-tela, elaborado por Leda Maria Martins (2021), não se restringe a inscrições, adornos ou marcas corporais. Ele envolve também a sonoridade, a imagem e o gesto, constituindo o corpo como um lugar de pensamento. Trata-se de um corpo-imagem que, ao se colocar em cena, ultrapassa o domínio estritamente poético e se articula com dimensões políticas, estéticas e éticas, evidenciando a intersecção entre expressão artística e prática social. Assim, “o corpo-tela como corpo-imagem faz-se também como imagem mental, aliando a aparência do ser às suas vibrações, portanto, postulando pensamentos” (Martins, 2021, p. 78). Tal o conceito autoriza refletir sobre a articulação entre o corpo da autora e a construção de seus poemas, evidenciando como gestualidade, presença física e linguagem poética se entrelaçam na produção de sentido.

O corpo-tela, portanto, não apenas expressa, mas produz pensamento. É corpo-ideograma, corpo-hieróglifo, complexo e poroso, investido de múltiplos sentidos, como propõe Martins (2021). É também dispositivo de memória, condutor de grafias do conhecimento e espaço de inscrição de práticas culturais. No caso de Nívea Sabino, seu corpo fala poética e politicamente: nos saraus, *slams* e demais performances, o público não apenas escuta seus poemas, mas os vê corporificados em gestos e presença. Sua existência torna-se material de escrita e poética.

Nívea, poeta mineira nascida em Nova Lima em 1980, enfatiza que “publica primeiro pela boca”. A oralidade é seu corpo-tela: a boca não apenas comunica, mas escreve e publica. Essa perspectiva amplia nossa compreensão da linguagem e da literatura, revelando que o corpo pode falar antes mesmo da palavra, ou até em contradição com ela. Por isso, o corpo da autora se revela tão fundamental quanto a linguagem verbal na constituição de sua obra.

Não é fortuito que iniciamos esta seção com a epígrafe que evidencia a boca, o oral. Como lemos, o trecho “dar com a língua nos dentes” denuncia o racismo que classifica homens e mulheres pretas como “atrevidos” quando rompem o silêncio. O corpo e a boca de Nívea inscrevem, assim, uma poética da resistência.

Preta, lésbica, poeta-performer e periférica, Nívea é autora da antologia *Interiorana* (2018, 2ª ed.) e de peças de teatro voltadas à cultura preta. Sua trajetória inclui saraus, *slams*, muros de Belo Horizonte e espaços institucionais, como a cocuradoria do FLIBH (2019) e o júri do Prêmio Jabuti (2020). É membra fundadora da Academia Nova-Limense de Letras e participou de eventos internacionais, como a *Mostra de Poesia Mineira – Confluências Poéticas* (Barcelona, 2022). Ela graduou-se em Comunicação Social e possui especialização em Juventudes Contemporâneas.

Seu corpo-tela resulta em uma importante trajetória de ativismo poético no enfrentamento ao racismo, à lesbofobia, ao sexismo e a outras formas de opressão, por meio das palavras, dos *slams*, rodas de poesia e saraus nas periferias. Ela publica seus textos primeiramente pela boca e nos muros das cidades, em vídeos, *podcasts* e entrevistas, garantindo que seu corpo-poema não permaneça restrito à performance imediata, mas alcance um “potencial mundo”, ampliando sua potência performativa. Ela é ainda uma das articuladoras do Roda BH de Poesia e pioneira nas competições de poesia falada, os *slams*, em Minas Gerais.

Nesse contexto, o conceito de letramento de reexistência (Souza, 2011) torna-se central. Ele designa práticas linguísticas e culturais que capturam a complexidade histórica das comunidades periféricas, desestabilizando discursos cristalizados. Trata-se de um letramento que fortalece coletividades e legitima narrativas silenciadas, conferindo relevância às experiências cotidianas. Como afirma Souza (2011, p. 23):

os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso de linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (Souza, 2011, p. 32).

Além disso, o conceito de letramento de reexistência, convida-nos a refletir sobre seu uso de modo a validar as práticas sociais promovidas pelos movimentos culturais, literários e periféricos, bem como o papel da linguagem nesses contextos. Como reitera Souza (2011), estar na cultura e ser da cultura significa, acima de tudo, disseminar as narrativas do cotidiano, mostrando como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, seja de maneira individual ou coletiva. No entanto, os letramentos de reexistência conferem relevância à dimensão sociocultural das práticas de uso da linguagem, destacando como tais práticas se articulam com as experiências, saberes e valores das comunidades em que se manifestam (Souza, 2011, p. 27). Ou seja,

[...] as práticas de letramentos são voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem (Souza, 2011, p. 23).

Não é por acaso que Nívea faz questão de afirmar o caminho que trilhou, da publicação pela boca ao livro – com suas diversas estratégias e percursos distintos. A boca testa o poema, sua honestidade e sua disposição para ser ouvido e lido. Nesse contexto, a autora se posiciona como uma poeta preta em um universo marginalizado e periférico. De acordo com o que ela afirma,

é muito difícil você se constituir poeta num universo assim, porque já tinham muitas perspectivas ali em torno de mim, da minha pessoa e do meu trabalho, antes mesmo de eu ter publicado [...] por eu ter falado no sarau e tudo mais. Então, eu falo muito que eu publiquei primeiro pela boca e, aí, depois, que eu fui colocar na plataforma do livro (Sabino, 2023, s/p *apud* Costa, 2024).<sup>3</sup>

A literatura de Nívea subverte os padrões de leitura historicamente impostos ao corpo preto, aos quais ela estava acostumada a ser reduzida pela sociedade, ampliando sua presença a espaços antes inacessíveis. Nesse sentido, a autora manifesta o receio de que sua obra pudesse se restringir aos limites impostos pelo racismo, nos quais sua figura era frequentemente interpretada como a de uma mulher raivosa, que participava dos *slams* apenas para gritar sua poesia. Sendo assim, a proposta de levar esses poemas para o livro, complementando-os com textos de outros formatos, ampliava a recepção do senso comum: “não era só um poema que você ouviu” (Sabino, 2023), sobretudo para romper com os lugares em que se supõe que uma mulher preta deva estar. *Interiorana*, nesse sentido, representa um esforço da autora para demonstrar que sua poética se expandia e, nesse espaço de expansão, existe uma poeta cuja escrita pode abordar qualquer temática.

Conhecida em muitos lugares, sobretudo em diversas regiões da capital mineira, Nívea vive e vende sua arte no boca-a-boca, cada venda realizada tem um propósito. Percebemos isso quando a autora diz:

É isso, o meu livro talvez não vai ser encontrado numa livraria, eu faço questão de ir ao encontro, e tem a coisa da performance, que é a poesia falada, então, tem outras leituras, que é isso, talvez a literatura não tenha dado conta de abarcar é... e, aí, essa leitura que é corporal desse sujeito, dessa poeta que além de escrever faz a questão de se afirmar, e se afirmar com a fala, com o corpo, de inscrever no espaço é uma presença. E aí pra mim é um recado pra literatura. Do que não foi abarcado, é... num cabe, e talvez é porque extrapole. (Sabino, 2023, s/p *apud* Costa, 2024)

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com a autora no ano de 2023, encontra-se na íntegra na dissertação *Escrita que se faz com o corpo: a produção literária periférica de Nívea Sabino*, defendida em 2024, na Universidade Federal de Ouro Preto.

Atualmente, Nívea continua a publicar seus textos oralmente em saraus de poesia e *slams*. Contribuiu para a criação da dramaturgia Ópera Operária, destinada à formatura dos alunos do Cefart, realizada no Palácio das Artes, em 2022, em Belo Horizonte. Além disso, desenvolveu a dramaturgia *Ex-imagination*, em colaboração com Michelle de Sá, artista e performer de Belo Horizonte, encenada em espaços de relevância para a cultura preta, como a Casa de Sérgio Pererê – importante músico que resgata as tradições africanas – o Reinado 13 de Maio, o Samba do Kaká e diversos terreiros da capital, consolidando seu corpo-performer como instrumento de resistência e expressão cultural.

A poeta publica suas obras com o apoio de amigos e colaboradores, mantendo perfis ativos em redes sociais, como Instagram (@niveasabino) e Facebook, voltados à divulgação de suas produções, de sua atuação, bem como à recepção e distribuição de seus livros. Ademais, participa de podcasts com seus canto-poemas, possui dezenas de vídeos e entrevistas na plataforma YouTube e contribui com entrevistas escritas em diversos sites. Tal dinâmica de circulação é crucial para que seu corpo-poema e seu corpo-tela não permaneçam restritos aos espaços imediatos de interação com a autora, mas adquiram um “potencial mundo”, ampliando seu alcance e potência performativa.

## O corpo-poema

*Pretinha, periférica, fudida, não tem nem emprego nesse momento, mas existo na literatura. E a literatura quer que eu existo? Nem me conhece.* (Sabino, 2023)

Enquanto espaço de potência, as literaturas periféricas mostram-se capazes de transcender limites, recriar sentidos e reposicionar a escrita em novas configurações, em novos corpos-poemas. Conforme destaca Érica Peçanha do Nascimento (2019, p. 19), trata-se de uma literatura que busca registrar a vida cotidiana dos bairros periféricos das grandes cidades, estabelecendo uma interlocução imaginária com a cultura do centro, de modo a evidenciar e valorizar a diferença. Importa destacar que o texto literário não se limita a representar; ele constitui a própria experiência que descreve. Tal característica é evidente no poema da autora investigada:

SOBRE O SOLO FÉRTEIS DA IGUALDADE

Ainda que persiste o olhar  
que a mim difere  
que profundo fere  
que segregar prefere  
por questão de tom

de cor  
de pele  
Depois de escravizar  
de pseudo-libertar e  
desqualificar  
do meu cabelo à minha cabeça

Vejo surgir um cortejo  
Feito marujada que passa  
um canto  
um coro  
um real esforço  
para se reparar  
o que não se repara

Reflexos de uma história  
que por nós  
enfim  
começa a ser contada  
O povo negro resiste  
no saciar da sede  
que mata na seiva  
das próprias raízes

Um fazer plantar  
fulô  
dignidade  
através da dança  
na luta  
germinadas ao suor  
que escorre da bruta labuta

Buscando no seu penoso caminhar  
Experimentar do sabor da fruta  
da polpa  
do paladar  
do direito pleno às oportunidades  
sobre os solos férteis da igualdade  
(Sabino, 2018, p. 99)

É importante destacar que surgimento do texto periférico não é recente e pode ser compreendido em dois momentos. O primeiro ocorreu com a publicação de três



edições da revista *Caros Amigos*, em 2001, 2002 e 2004, sob o tema “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, resultado de uma parceria com o escritor Ferréz. O segundo momento intensifica-se a partir de 2005, com a efervescência dos movimentos de saraus literários, tendo a Cooperifa como precursora dessa vertente.

Através da agitação literária promovida pelos saraus de poesia e pelos *slams*, os escritores da periferia passaram a se conscientizar da importância de publicar seus próprios livros. É o que defende Laetícia Jensen Eble, especialista em literatura e práticas sociais, em seu artigo “Confrontação dos espaços e resistência na Literatura marginal/periférica”, publicado no livro *Literatura e Periferias*, organizado por Regina Dalcastagnè e Lucía Tennina. Segundo a autora, “a compreensão de si mesmos como parte de uma história em processo e o desenvolvimento da capacidade de uma visão crítica mais elaborada sobre a situação social, tal como dados pela literatura, são essenciais para essa tomada de consciência” (Eble, 2019, p. 48). Nesse sentido, à medida que os autores passaram a reconhecer a potência da autopublicação e da publicação independente de seus livros, a literatura periférica consolidou-se, em grande medida, como parte integrante do campo literário.

Em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e cidade vizinha à da poeta investigada, a resposta a esses primeiros movimentos literários materializou-se no Coletivo Sarau de Periferia, considerado um dos precursores da capital. Criado em 2009, no bairro Independência, a partir do contato com o Sarau da Cooperifa, o coletivo foi idealizado por Rogério Coelho, Carla Pimenta e Jessé Duarte, todos filhos de trabalhadores assalariados da região de Contagem. Conforme Brant, citado por Rogério Coelho,

A maioria dos saraus periféricos de poesia que surgiram em Belo Horizonte teve origem no Coletivo. E de um ano para cá, pipocaram por vários bairros e cidades. Houve necessidade de se criar referências em outros espaços geográficos da cidade. Muitos dos criadores de saraus que estão espalhados por BH e Região Metropolitana saíram daqui. [...] É muito importante você ir em um lugar onde sua voz é ouvida, se sentir um agente construtor”, comenta um dos articuladores do Coletivo, Rogério Coelho (Brant *apud* de Souza, Coelho, 2020, p. 132)

Em concordância com os pesquisadores, Otacílio de Oliveira Junior (2016), doutor em Psicologia e estudioso da temática, afirma que “os saraus seriam o espaço de valorização da identidade periférica, dos corpos e das vozes que suportam e ressignificam a especificidade trágica de sua posição social” (p. 132). O autor complementa ainda que

os saraus de periferia têm sido interpretados como expressão singular determinada por uma posição social específica – há a favela ou periferia urbana – e suas identidades correlatas – o pobre, o periférico, o da quebrada, entre outras. Essas posições e identidades seriam o ponto de partida interpretativo que conferiria inteligibilidade a práticas, textos, e apresentações dos saraus (de Oliveira Junior, p. 176).

Trata-se de uma produção literária elaborada por sujeitos que se propõem a narrar a sua própria história a partir da perspectiva da periferia. Tal movimento pode ser observado no trecho do poema em análise: “Reflexos de uma história/ que por nós/ enfim/ começa a ser contada/ O povo negro resiste” (Sabino, 2018, p. 99). Desse modo, as produções periféricas que vêm se consolidando são frutos diretos da movimentação aqui discutida. Sob essa concepção, como observa Martins (2021, p. 21), “em tudo que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma, o que nos torna agregados a um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade”. Nessa perspectiva, a prática literária não se restringe à produção textual, configurando-se também como manifestação da identidade, das relações sociais e da cultura compartilhada pelos sujeitos que a produzem.

As literaturas periféricas, nesse contexto, se configuram como uma dobra de linguagem, pois subverte os modos tradicionais de escrita, reconhecendo escritores e leitores periféricos como agentes de múltiplas textualidades, criadores e produtores de efeito. Enquanto na literatura canônica esses sujeitos são historicamente invisibilizados – como mostra a epígrafe de Sabino –, nas literaturas periféricas eles ocupam lugar fundante.

Luiz Rufino (2019, p. 117) define dobra de linguagem como a “astúcia daquele que enuncia para não ser totalmente compreendido, não pela falta de sentido, mas pela capacidade de produzir outros que transgridam as regras de um modo normativo”. Trata-se de uma escrita em que a boca fala, um corpo falante e autofalante, que não depende da comunicação transparente, mas dos efeitos que provoca.

Em Nívea, essa dobra nasce da rua, “da boca”, como a própria autora afirma em entrevistas, e se volta para o interior. O poema analisado exemplifica essa dinâmica: os versos curtos e os *enjambements* criam ritmo e ênfase, destacando palavras-chave como “fere” e “difere”. O jogo sonoro entre esses termos intensifica o sentido de desigualdade que atravessa a experiência negra no Brasil, pois, conforme o próprio poema evidencia, ainda persiste um olhar que discrimina, sobretudo, um olhar que fere. A organização do texto rompe expectativas da forma canônica, tornando-se resistência estética e política.

Nessa perspectiva, a língua periférica é usada como ferramenta de reexistência cultural. Ela é produzida coletivamente, num caráter multilinguístico e plural. Trata-se de falares formados a partir de múltiplas enunciações, assumindo, assim, um caráter multilinguístico e coletivo. É nesse ponto que se insere o pretuguês, conceito de Lélia Gonzalez (2018) para nomear a africanização do português falado nas periferias brasileiras. Gonzalez ressalta como as línguas africanas e indígenas deixaram marcas profundas na formação do português popular, especialmente no que se refere à população preta. Em seu texto “A categoria Político-Cultural de Amefricanidade”, Gonzalez atribui às línguas africanas e indígenas um tipo específico de uso no Brasil; o pretuguês, portanto, constitui-se como uma marca de africanização do português falado no país. Esse uso é reafirmado por Sérgio Vaz, para quem o uso do pretuguês nas periferias transcende a função meramente linguística, sendo um ato político e identitário. Ele que afirma: “quando nós dizemos ‘nóis vai’ é porque nós vamos.” Conforme assinalado,

Às vezes as pessoas acham que nós não falamos a norma culta porque nós não queremos, na verdade, eles não deixam a gente falar a norma culta. Nós queríamos o prazer de todos nós estudarmos nas universidades e depois falarmos a língua que nós quiséssemos. Nós falamos a língua do que sobrou para nós. Quando a gente escreve com menos vírgula ou com menos crase, ali está dizendo quem é o povo brasileiro e como ele vive (Centralidades..., 2018, s/p).

A partir da fala de Sérgio Vaz e do poema “Sobre o solo férteis da igualdade”, de Nívea, podemos retomar o conceito de pretuguês, por se tratar de um conceito que traduz o duplo jogo da língua periférica. Ou seja, evidencia a estratégia que a língua assume como forma de reexistência, marcada pelos rastros da fala e pelos efeitos socialmente produzidos. A construção desse estilo, portanto, é permeada pelo simples; e, por ser uma linguagem simples, torna-se potente, incorporando uma generosidade gramatical singular.

## Considerações finais

O corpo-poema e o corpo-tela de Nívea Sabino podem ser compreendidos como expressões da literatura periférica. Os poemas e performances da autora reescrevem a experiência marginalizada, colocando os sujeitos periféricos como agentes de sua própria narrativa. “Sobre o solo fértil da igualdade” revela essa potência ao afirmar: “o povo negro resiste no saciar da sede”. Nesse sentido, sua escrita ressoa com a intenção constante de “lutar” por meio da palavra. Ademais, o poema

analisado e seu entrelaçamento com as teorias apresentadas visam provocar questionamentos no campo literário, especialmente sobre o uso da linguagem por poetas pretos e periféricos.

Dessa maneira, este artigo buscou remodelar a forma como lemos e recebemos as literaturas, uma vez que a produção literária de sujeitos periféricos – no caso da autora investigada – apresenta uma tessitura performática que transcende o texto escrito, evidenciada no corpo-poema de Nívea. O caráter subversivo dessa linguagem reside no fato de que a poeta, ao levar seus poemas para o livro, faz com que, por meio de seu corpo-texto revestido pelo corpo-tela, os poemas transitem do estado de “representação” para o de “escrito”, quando lidos e performados em *slams*, saraus e outros eventos. Trabalhar com o conceito de corpo-tela, de Leda Maria Martins, permitiu vislumbrar epistemologias outras que iluminam a poética da autora.

Dessa maneira, as ciências da linguagem são postas em xeque, pois, enquanto sujeitos pretos, possuímos outros propósitos e outras formas de conceber a escrita e disseminá-la pelo mundo. Vale lembrar o compromisso de dar validade à proposta do pretuguês, elaborada por Lélia Gonzalez, que, assim como outras mulheres pretas, vem construindo espaços para que nossos modos de vida também se sobressaíam na linguagem. Como sabemos, a língua é poder, pois nomear é dominar. Nesse sentido, Leda Maria Martins adverte, citando Derrida: “não há racismo sem uma linguagem que o veicule. Os atos de violência racial não se restringem à expressão verbal, mas, necessariamente, exigem uma linguagem que os expresse e os faça circular” (Derrida, *apud* Martins, 2023, p. 36).

Segundo Graciela Ravetti (2002), a escrita é acionada pelo corpo do autor. Em Nívea, isso se confirma: sua poesia é atravessada pelas experiências periféricas, em que corpo e texto se fundem.

De modo geral, o presente artigo busca contribuir para a ampliação do campo literário, trazendo a voz de autoras periféricas como Nívea Sabino ao diálogo acadêmico. Afinal, os cânones estão sendo desestabilizados e, nesse movimento, surgem novas autorias que reconfiguram os modos de dizer e escrever literatura.

À Nívea, minha mais velha, peço a bênção.

## REFERÊNCIAS

CENTRALIDADES periféricas: reflexões sobre literatura periférica e universidade. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2018. 1 vídeo (3 min 8 s). Publicado pelo canal Instituto de Estudos avançados da USP. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qdKDdVyG3jM&ab\\_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosdaUSP](https://www.youtube.com/watch?v=qdKDdVyG3jM&ab_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosdaUSP). Acesso em: 20 nov. 2023.

COSTA, M. G. E. *Escrita que se faz com o corpo*: a produção literária periférica de Nívea Sabino. 2024. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2024.

DE ALMEIDA SOUZA, Luiz Eduardo Rodrigues; COELHO, Rogério Meira. Entre a performance e a escrita: um olhar sobre a literatura expandida contemporânea na poesia marginal-periférica de Nívea Sabino. *Opiniões*, n. 16, p. 125-145, 2020.

DE OLIVEIRA JUNIOR, Otacílio. *Entre a luta, a voz e a palavra*: partilhas de sentido em torno de um sarau de periferia. 2016.

EBLE, Laetícia Jensen. Confrontação dos espaços e resistência na literatura marginal/periférica. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, 2019. p. 39-54.

GARRAMUÑO, Florencia. *A experiência opaca*: literatura e desencanto. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro. UERJ, 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: UNIÃO DOS COLETIVOS PAN -AFRICANISTAS (org.). *Primavera para as Rosas Negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. [S.l.]: Diáspora Africana, 2018.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. *Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo e da memória: os congados. *O Percevejo* – Revista de Teatro, Crítica e Estética, Rio de Janeiro, v. 11, p. 68-83, 2003.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano. In: DALCASTAGNÈ, Regina, TENNINA, Lucía (org.). *Literatura e Periferias*. Rio Grande do Sul: Zouks, 2019. p. 15-38.

RAVETTI, Graciela Leda Maria. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Mária (org.). *Performance, exílio, fronteiras*: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte. Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras /UFMG: Poslit, 2002. p. 47-68.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula Editorial, 2019.

SABINO, Nívea. *Interiorana*. 2. ed. Nova Lima. 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência*: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TENNINNA, Lucía. Saraus das periferias de Brasília: uma literatura fora do eixo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 81-113.

Recebido em: 11/09/2025

Aceito em: 13/10/2025

